



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE - ICA**  
**ESCOLA DE TEATRO E DANÇA - ETDUFPA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**Renan Corrêa de Mattos**

**ENTRANDO NA RODA:**  
**A essência do corpo que dança break.**

**BELÉM**

**2016**

**RENAN CORRÊA DE MATTOS**

**ENTRANDO NA RODA:**

**A essência do corpo que dança break.**

Monografia de conclusão de curso apresentada à Escola de Teatro e Dança da UFPA, como, requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Dança, Orientado pela Prof. M. Sc. Ana Flávia Mendes Sapucahy.

**BELÉM**

**2016**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE - ICA**  
**ESCOLA DE TEATRO E DANÇA - ETDUFPA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**RENAN CORRÊA DE MATTOS**

**ENTRANDO NA RODA:**

**A essência do corpo que dança break.**

Monografia defendida e aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_.

Conceito: \_\_\_\_\_

Banca examinadora:

---

Profª M. Scª Ana Flávia Mendes Sapucahy

Orientadora - Escola de Teatro e Dança - ICA/UFPA

---

Profª M. Scª Mayrla Andrade

Avaliadora - Escola de Teatro e Dança - ICA/UFPA

**BELÉM**

**2016**

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso foi elaborado com o intuito de instigar por meio dos exemplos e depoimentos citados ao decorrer do texto, um olhar sensível capaz de se autoanalisar, fazendo assim, uma identificação das influências que compõe a dança *break* que cada *B. Boy* e *B. Girl* executa. Desta forma é possível possibilitar um melhor rendimento e aproveitamento de todos os fatores na dança *break*, uma vez em que é extremamente visível essa falta de interesse nesses fatores por parte dos dançarinos. Durante o decorrer deste trabalho, busquei beber em várias fontes, como a de Macedo (2000), que descreve a etnopesquisa em atuação nas ciências humanas e na educação, Rosário (2012) que em sua pesquisa falando sobre o *power move*, um estilo de dança dentro do *break dance*, e que faz um apanhado histórico detalhado da cultura *hip hop*, Laraia (2001) que fala sobre a dinamicidade da cultura, Oliveira (2009) se tratando das artes visuais com a arte rupestre, Ferracini (2006) discutindo a ideia do corpo-subjétil e Ponty (1945/1994) por meio de Nóbrega (2008) enfatizando o corpo próprio. Na primeira seção deste trabalho, apresento minha história como um diário de bordo de vida. Na segunda seção, desenvolvo um breve histórico sobre o cenário do *hip hop* em Belém do Pará por meio de depoimentos de atuantes em cada pilar que compõe a cultura *hip hop*. Na terceira e última seção, foco no meu objetivo principal deste trabalho e conto com depoimentos de pessoas que, com o passar do tempo e a prática neste meio artístico, compreenderam o objetivo geral deste trabalho por si mesmo. Como conclusão, acredito ter que alcançarei os meus objetivos de contribuição com o amadurecimento dos dançarinos de *break* em Belém - Pará.

**PALAVRAS CHAVES:** *Break dance*, influências, Cotidiano.

## ABSTRACT

This course conclusion work was developed with the aim of instigating through examples and testimonials referred to throughout the text, a sensitive look capable of autoanalisar, by doing so, an identification of the influences that make up the break dance every B. Boy and B. Girl runs. Thus it is possible to enable better performance and utilization of all factors in the break dance, since it is extremely visible this lack of interest in these factors by the dancers. During the course of this work, I tried to drink a variety of sources, such as Macedo (2000), which describes the etnopesquisa at work in the human sciences and education, Rosario (2012) that in his research talking about the power move, a style of dance in the break dance, and making a detailed historical overview of hip hop culture, Laraia (2001) talks about the dynamics of culture, Oliveira (2009) the case of the visual arts with the rock art, Ferracini (2006) discussing the idea of body-subjétil and Ponty (1945/1994) by Nobrega (2008) emphasizing the body. In the first section, I present my story as a logbook of life. In the second section, we develop a brief history of the hip hop scene in Belem through active testimonials on each pillar that makes up the hip hop culture. In the third and last section, focus on my main goal of this work and count on testimonies of people who, with the passage of time and practice this art world, they understood the general objective of this work for yourself. In conclusion, I have to overtake my contribution goals with the ripening of break dancers in Belem - Para.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: Grupos de <i>Eletro Dance</i> .....	21
FIGURA 2: <i>Jump Style</i> .....	21
FIGURA 3: <i>Suffle Dance</i> .....	22
FIGURA 4: A casa <i>hip hop</i> .....	30
FIGURA 5: Afrika Bambaataa.....	32
FIGURA 6: Símbolo da Universal Zulu Nation.....	33
FIGURA 7: <i>Afrika Bambaataa</i> e Ninja, <i>Zulo nation</i> .....	34
FIGURA 8: Arte rupestre.....	36
FIGURA 9: <i>Graffit</i> no muro.....	37
FIGURA 10: Pichação no muro.....	37
FIGURA 11: Graf grafitando.....	38
FIGURA 12: Koalla Crew Rimando.....	42
FIGURA 13: RG tocando.....	46
FIGURA 14: <i>Top rocking B. Boy</i> .....	50
FIGURA 15: <i>B. Boy</i> fazendo um footwork.....	51

FIGURA 16: <i>B. Boy</i> Salazar fazendo o <i>freeze</i> .....	52
FIGURA 17: <i>B. Boy</i> fazendo um <i>air flare</i> .....	53
FIGURA 18: <i>B. Boy</i> Leony.....	62
FIGURA 19: <i>B. Boy</i> Kekeu.....	63

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1 DANÇA IDENTIDADE: TODA DANÇA TEM SUA HISTÓRIA. QUAL A SUA?</b> ....	15
1.1 Fragmentos da minha vida.....	16
1.2 Fragmentos da minha dança.....	18
<b>2 PASSEIO TÚRISTICO CULTURAL: UMA INTODUÇÃO AO MOVIMENTO HIP HOP E RELATOS DA ATUALIDADE EM BELÉM DO PARÁ</b> .....	27
2.1 A casa <i>hip hop</i> .....	29
2.1.1 No que o <i>hip hop</i> surgiu, sempre estará presente.....	30
2.1.2 Universal Zulu Nation no Pará.....	31
2.3 Mensagem no muro: <i>Graffit</i> .....	37
2.4 Rimando na Base: <i>MC</i> .....	40
2.5 Dando Ritmo a cultura: <i>DJ</i> .....	44
2.6 No beat: break dance.....	48
2.6.1 Top rocking.....	49
2.6.2 Footwork.....	50

2.6.3 Freeze.....	51
2.6.4 Power move.....	52
2.7 Respondendo as perguntas como atuante.....	53
<b>3 ENTRANDO NA RODA: AS INFLUÊNCIAS DE QUEM DANÇA BREAK.....</b>	<b>55</b>
3.1 Depoimentos.....	58
Considerações finais.....	63
Referências.....	65

## INTRODUÇÃO

Bom, para iniciarmos, gostaria de lhe deixar mais íntimo deste trabalho. Mostrar por meio desta pesquisa inacabável, pois, quanto mais adentro nesta linha de raciocínio, mais descubro e me fascino com tudo, e que por meio dos exemplos e depoimentos, é possível buscar uma autoanálise da sua dança própria e dos fatores que a compõe.

O que será abordado durante o decorrer deste trabalho é algo que foi, é, e sempre será pertinente nos meus dias de *B. Boy*<sup>1</sup>, algo que me situou no *break dance*<sup>2</sup>. Quando comecei a procurar mais informações sobre a dança *break*, buscando conversar com pessoas mais experientes e que tinham uma boa atuação no cenário desta dança, comecei a entender a composição da mesma. Eu perguntava “o que eu devo fazer para ser um bom *B. Boy*” e me respondiam “não basta somente treinar, tem que se conhecer, entender seu estilo, seu sentimento e executar no seu fluxo. Sua dança está sem você o tempo todo e de todas as formas”.

A partir daí, as conversas sobre este assunto foram ficando cada vez mais frequentes, e quanto mais eu entendia, mais eu percebia a minha dança melhorar. Com o passar do tempo, já havia obtido uma grande quantidade de informação por meio das conversas e já me sentia capaz de repassar isso para outras pessoas que dançavam *break*.

Então, durante as conversas, de ouvinte, passei a orador e depois disto, pesquisador. Este é o principal motivo pelo qual dediquei o meu último trabalho oficial acadêmico para falar do que faz parte de mim e de cada *B. Boy* e *B. Girl*.

---

<sup>1</sup> *B. Boy* ou *breaking boy* (menino que quebra) é o nome dado para os homens que dançam na quebrada (beat) da música, que dançam *breakin*, assim como *B. Girl* ou *breaking girl* (menina que quebra) é dada para a mulher.

<sup>2</sup> *Break dance* que também é conhecido como *breaking* ou *B. Boying*, em sua tradução livre, significa dança na quebrada, que remete ao dançarino que se movimenta na batida do gênero musical *break beat* (*batida quebrada*), mixada pelo DJ.

Essa pesquisa é o meu presente de agradecimento ao *break dance* por tudo que sou hoje e pelo o que eu serei um dia.

Para mim, é um prazer imenso a realização deste trabalho, uma conquista satisfatória poder contribuir com a cultura na qual decidir fazer parte e espero que para o corpo artístico e educador do *hip hop* em geral, também seja.

Está pesquisa é sentimental e de certa forma, apaixonada. Sim, apaixonada, pois se trata de sentimentos envolvidos no dia a dia e que reverberam na dança de cada *B. Boy* e *B. Girl*, em cada gesto, atitude, rotina diária que acabam se tornando rotinas<sup>3</sup> na roda de dança, nos espetáculos, nas *cyphers*<sup>4</sup>, nos campeonatos, em cada movimento.

Essas influências são discretas e estão impregnadas em nossos corpos, apesar de muitas pessoas não a perceberem, pois, para isso, é preciso olhar para dentro de si, aguçar a percepção para entenderem suas origens e consecutivamente a dança que se faz.

Essa falta de autoanálise entre os atuantes na dança *break* é pertinente, pois, não há a preocupação em buscar compreensão, mas sim, em somente executar. Isso acontece devido à direção em que caminha o cenário desta dança, usando como referência Belém do Pará e sua região metropolitana, que se volta para um lado mais competitivo, ou seja, campeonatos de *break dance*.

Então, consecutivamente, o foco será treinar, produzir mais para atender a demanda dos campeonatos e também para manter-se entre os melhores. Um fator problemático que vale ressaltar aqui é alto nível de crescimento de *B. Boys* e *B. Girls* incentivados também pela mídia que, cada vez mais, utiliza -se da imagem da dança *break* para fins lucrativos.

---

<sup>3</sup> Rotina no *break dance*, significa sequencia coreográfica individual ou em conjunto.

<sup>4</sup> Nome dado a roda de dança livre no *break dance*.



se autoanalisar, fazendo assim, uma identificação das influências que compõe a dança *break* que cada *B. Boy* e *B. Girl* executa.

No caminho ao objetivo geral deste trabalho, tive êxito ao alcançar outros mais específicos. Claro, gostaria de agradecer as pessoas (que serão apresentadas no corpo deste trabalho) que contribuíram para que isso fosse possível.

Cada coleta de depoimentos que essas pessoas proporcionaram, cada conversa, por todas as indagações que fiz e que obtive respostas satisfatórias. O esforço e o empenho em colaborar com esta pesquisa acabou se tornando um referencial bibliográfico informal incrível, no qual não são títulos de livros, mas, nomes e sobrenomes. Obrigado.

Além dos depoimentos encontrados nesse trabalho, obtive uma conquista específica e mesmo que não seja algo mais aprofundado, até mesmo pelo motivo de não ser o foco da pesquisa, a construção de um breve histórico sobre o cenário de Belém do Pará é gratificante e possibilita uma pequena noção, porém, de qualidade, para que os próprios atuantes na dança *break*, compreendam o cenário em que estão inseridos.

Citei e descrevi alguns exemplos que não obtive dificuldades em pesquisar, isso porque se trata de uma autopercepção analítica iniciada há no mínimo três anos atrás, sobre minhas influências cotidianas que se apresentam na dança *break* que faço. Então, posso dizer que este objetivo específico foi alcançado há três anos e somente amadureceu ao decorrer do tempo até chegar neste trabalho.

Também é importante ressaltar que faço uma espécie de autoanálise no momento em que apliquei as perguntas da entrevista a mim mesmo, pois, uma vez que já estou inserido na cultura *hip hop* há seis anos, sinto-me com capacidade e conhecimento suficiente para responder tais perguntas.

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho é a etnopesquisa, proposta por Roberto Sidnei Macedo, como é descrita a baixo.

Pelo que pude entender, estnopesquisa não seria outra coisa senão uma pesquisa ao mesmo tempo enraizada no sujeito observador e no sujeito observado. Enraizada no sentido etmológico, o de dar conta das raízes, das ligações que dão sentido tanto a um quanto a outro. Para tanto, é necessário, por parte do pesquisador, ousadia para se autorizar por caminhos metodológicos não convencionais com o objetivo de compreender a complexidade e as filigramas próprias de cada sujeito singular, tanto do pesquisador quanto do sujeito pesquisado e de seus entornos. (MACEDO, Roberto, s/d, p. 24)

Este caminho metodológico apontado trata-se do pesquisador participante que analisa vários fatores com um princípio em comum. Uma pesquisa que começa no próprio pesquisador e percorre por outras pessoas e também, entorno dos dois. A etnopesquisa contempla conhecimentos minuciosos e específicos que possibilitam e proporcionam ao pesquisador o fator “compreender” em vez de “explicar”.

Na primeira seção, busquei construir um histórico pessoal, um histórico que se trata da minha trajetória, passando pelo meu âmbito familiar, educacional e da dança. O intuito desta seção é de identificar as minhas influências pessoais, pois, mesmo que tenhamos vidas distintas, sinto que para quem dança, principalmente para quem dança *break*, as dificuldades são bastante parecidas. Então, se essas pessoas obtiverem exemplos, talvez elas comecem a se autoanalisar.

Na segunda seção, o intuito foi à construção de um pequeno histórico da situação atual da cultura *hip hop* de Belém do Pará, por meio de perguntas respondidas por uma pessoa de cada vertente do mesmo, que são *graffit*, *MC*, *DJ* e a dança, que no caso é o *break dance*. Também agreguei algumas perguntas sobre o desenvolvimento do *hip hop* em Belém do Pará, a respeito de melhorias, contribuições e organizações.

Na terceira seção, entro no objetivo principal deste trabalho, as impregnadas influências que carregamos para todos os lados, para onde formos, elas estarão naturalizadas e aqueles que descobrirem quais são as suas, cresceram tão rápido quanto imaginam dentro da dança *break*.

Nesta seção, dou exemplos de influências que percebi e que as pessoas perceberam em mim, para que seja feita a identificação das mesmas na dança produzida por mim, e pontua-las mais especificamente e como elas funcionam enquanto danço.

Também utilizo depoimentos de duas pessoas experientes e que já viajaram o Brasil e o mundo através da dança. Essas pessoas abordam a ideia de que as influências estão em todos os lugares e em tudo que se faz e falam, baseadas em vivências de anos como atuantes na dança *break*.

Espero que você aprecie este trabalho no qual fui extremamente cuidadoso, pois, há um grande sentimento envolvido quando se trata de falar do que gostamos de fazer e temos maior respeito. Espero também que a cada parágrafo que for lido, uma porta para uma nova pesquisa, indagação, curiosidade e qual quer meio de se produzir e saber mais a respeito, seja aberta. Então saia da zona de conforto, atravesse a porta e como é de costume no *break dance*. Vem pra roda!

## 1 DANÇA IDENTIDADE: TODA DANÇA TEM SUA HISTÓRIA. QUAL A SUA?

Escrevo esta primeira seção usando a minha história como base sustentadora para o objetivo principal desta monografia que é, proporcionar um possível entendimento e/ou percepção sobre as influências que determinam a dança de cada indivíduo que pratica o *break dance*.

Não há necessidade de comparar nada do que está escrito com a sua realidade, mas sim de identificar os fatores e características que compõem a sua dança. Antes de você começar a ler este TCC, por favor, pergunte-se: O que é a minha dança? Onde ela está? E por fim, do que ela é feita?

Parece simples refletir sobre a sua própria dança, afinal, ela é sua. Correto? Mas como pode simplesmente defini-la, se mesmo a dança de forma geral cogita várias definições? E por mais que você defina a sua..., ótimo! Mas onde essa sua dança se encontra? Talvez ela apareça somente quando os holofotes do palco acenderem? Enquanto você ensaia/treina? Você sabe o que a compõe? Talvez seja de técnica e desafios?

Não espere ler este trabalho e obter todas as respostas em relação a essas perguntas, como disse, existem várias definições e talvez essa nem seja uma novidade. Todavia, pode apontar caminhos, caminhos esses que começam dentro de você e talvez você não reconheça a carga sociocultural que traz no corpo, uma bagagem como ponto de partida que começa de uma autoanálise, do conhecido e do desconhecido.

Como disse acima, talvez você não tenha a ciência das suas respostas, porém, elas estão tão impregnadas na sua própria vida, que se tornam naturalizadas e acabam passando despercebidas. Se você desconhece o que é a sua dança, provavelmente desconhecerá o que é a sua vida. Contudo, as respostas para as perguntas acima estão todas ao seu redor, impregnadas no seu dia a dia, minuciosamente moldando o seu ser. Ser que vive a dança e dança a vida.

Na subseção a seguir, adentrarei um pouco na minha história de vida pessoal com a intenção de aproximação dos fatores que moldam a sua dança, como moldaram e ainda moldam a minha. Talvez não me aproxime tanto, porém, você conhecerá um dos vários fatores que contribuíram e contribuem para o que sou hoje e o que quero ser amanhã e poderá toma-lo como exemplo.

### **1.1 FRAGMENTOS DA MINHA VIDA.**

Nasci em uma família que sempre cultivava e cultiva a educação em primeiro lugar, e em minha vida, sempre fui um aluno regular. Sim, nunca fui tão estudioso quanto deveria ter sido. De certa forma, meu lado “desatento” com os estudos me trouxe até aqui, com este trabalho. Mas, confesso que esse lado desatento sempre foi para o lado das ciências exatas, não pense que não aprendi nada, aprendi sim, mas sempre tive uma atração forte pela arte. Então posso dizer que a arte me fez chegar até aqui e com certeza me levará muito além.

Quando eu era criança, sempre escutava da minha mãe e do meu pai algo como: Quero que você seja soldado, fuzileiro naval, engenheiro, advogado ou qualquer outra coisa que lhe faça seguir uma boa carreira com uma boa remuneração financeira.

Cresci com o foco nessas carreiras, mas o tempo e a arte se encarregaram de mudar meu destino e, consecutivamente, mais tarde, minha decisão em relação ao futuro, algo que realmente não fazia parte da minha rotina e que invadiu a minha conduta disciplinar.

Desde quando comecei a dançar, minha família demonstrava certo preconceito, no começo nem tanto, talvez sustentassem um pensamento de que seria somente uma fase, assim como uma pessoa que faz aulas de natação para

desenvolver-se fisicamente buscando resultados particulares. De fato, no início viam a dança na minha vida como diversão, como um esporte ou um passatempo. E para mim, no começo, também era.

Com o passar do tempo, começaram a desconfiar, ao mesmo tempo em que eu desconfiava também, de que estava me envolvendo cada vez mais com a dança e que ela havia ocupado um terço de todos os meus dias. Aquele sentimento de dançar por dançar já não se acomodava no meu corpo e eu precisava experimentar mais a sério, e foi o que fiz de forma natural, quase sem me pressionar.

Consequentemente, minha família preocupou-se com o meu futuro, ou pelo menos com aquele que queriam que eu tivesse. Não os julgo por isso, pois quem faz e compartilha a arte sabe o quanto ainda é desvalorizada esta área no Brasil e a minha família se preocupava com isso.

O tempo foi passando, as pressões com relação aos estudos e o meu futuro começaram a ser apertadas, tanto por mim quanto pela minha família. Já estava cursando o último ano do ensino médio e a dança havia se tornado minha vida ao ponto de ter receio de falar a verdade para eles. Foi nesse momento que tive que tomar a decisão que indicaria o caminho do resto da minha vida, fazer o vestibular e escolher o curso superior.

Tive que optar por um curso de ensino superior e na hora de escolher, pensei em cursar oceanografia, só pela minha paixão pelo mar, mas o que é uma paixão comparada com o amor, amor pela dança. Sim, pareço um poeta que acabou de conhecer uma bela e encantadora moça, mas estamos de fato no campo da sensibilidade e expresso inteiramente minha gratidão pela dança, por ter mudado minha vida.

Sem comunicar à minha família, escolhi a opção de Licenciatura em Dança na Universidade Federal do Pará. Senti um grande pavor na hora de dar a notícia, e advinha a reação quando contei? Se você tem ou teve uma situação de vida parecida com a minha, sabe do que estou falando. Não foram boas. Algumas frases

que escutei nos primeiros anos de faculdade foram: E isso dá dinheiro? Você vai trabalhar aonde? Tem trabalho pra isso? Incomodava escutar. Também tinham algumas pessoas que não acreditavam, mas tentavam dar um apoio moral, como: Você tem que fazer o que você gosta! Bom, se você quiser, depois pode mudar de curso. Isso incomodava também.

Com o passar do tempo, os comentários e indagações foram diminuindo e se transformando em incentivos. Fui conhecendo possibilidades de trabalho, inclusive o projeto de lei no senado federal que trata da obrigatoriedade da disciplina artes de forma separada (dança, teatro, música e artes visuais) nas escolas de ensino formal do Brasil. Esses e outros fatores ajudaram na aceitação, pelo menos de quase todos da minha família sobre este campo de conhecimento como disciplina regulamentada. Mesmo com todas as dificuldades, meus pais e avós sempre me deram o apoio financeiro. Sou grato e sempre serei a todos os esforços que fizeram por mim.

Hoje, no ano de 2016, estou escrevendo este TCC como troféu de uma luta vencida contra tudo que passei, pelos momentos altos e baixos, que não cabem serem registrados aqui, mas que foram de suma importância para o meu crescimento pessoal e profissional na dança, no *break dance*, como professor e artista.

## **1.2 FRAGMENTOS DA MINHA DANÇA.**

Bom, vamos voltar novamente para o meu passado durante o processo familiar que acabei de relatar, mas dessa vez irei compartilhar com você o meu primeiro encontro com o *break dance*.

Confesso que nunca me identifiquei como uma pessoa que tem um dom para dançar. Contudo, acabei tendo que treinar muito para obter bons resultados. Como em qualquer outra área de conhecimento, existem dificuldades, porém, tive as minhas em particular, pois cada um é cada um, alguns nascem para dançar e outros para aprender. A dança se apresenta de varias formas no show da vida.

Um pouco antes de conhecer o *break dance*, há mais ou menos dois anos, não me recordo como tive o primeiro contato com a dança, mas lembro-me de começar dançando alguns estilos que as pessoas costumavam chamar de “modinha”. Isso porque eram danças que viravam febre e muitos dançavam durante o seu auge, até aparecer outras para ocuparem o lugar das atuais. Essas danças se encaixam no contexto das danças urbanas e tinham características parecidas com a do *break dance*, como dançar em grupo ou fazer parte de um. Esse foi um dos fatores que contribuíram para o meu interesse no *break dance* alguns anos depois.

Reuníamos as pessoas do grupo de dança todos os dias para ensaiar os movimentos e esta dança foi intitulada de *eletro*<sup>5</sup> *dance*. Tínhamos o costume de falar: Vamos dançar *dance*? Além de ser um tipo de pleonasma, parecia uma frase contemporânea (sem ter consciência disso na época) que usamos para intitular uma dança cuja técnica estabelecida não se encaixa em nem um conceito existente ou às vezes em mais de um. Cada grupo tinha seus passos que não poderiam ser copiados por outros grupos, uma identidade específica até na forma de se vestir, no caso, com o símbolo do grupo.

---

<sup>5</sup> Eletro é remetido ao estilo musical eletrônico.



Figura 1 - Grupos de *Elettro Dance*. Fonte: imagens retiradas do vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zeOcfyXHlsU>

Com o passar do tempo, tive contato com outra dança que seria mais uma modinha, pelo menos na minha vida. Essa dança é intitulada de *jump style*, cujo nome traduzido para o português significa “estilo de salto”. Como o próprio nome já denuncia, a dança era concentrada cem por cento em saltos. Dançávamos sempre ao som de músicas eletrônicas e não era tão forte a ideia de grupos, às vezes acontecia de montarmos algumas coreografias em dupla ou em trio, mas nada que nos identificassem como grupo de dança. O auge desta dança passou mais uma vez e veio outra experiência para a minha bagagem de vivências.



Figura 2 - *Jump Style*. Fonte: Imagem retirada do vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yPjk->

Logo após, migrei para uma dança que ficou muito conhecida e ainda é até hoje. É intitulada em inglês de “*shuffle*”, que traduzida para o português significa “embaralhar”. Essa dança dava a impressão de que os pés se embaralhavam ocasionando giros e chutes, sendo o principal foco desta dança, deslizar pelo o espaço em todas as direções.



Figura 3 - *Shuffle Dance*. Fonte: Site: <https://aufaone.wordpress.com/2012/03/05/asal-mula-shuffle-dance/>

Cheguei a um bom nível técnico nesta dança, tinha inclusive um destaque entre os meus amigos pelo rápido avanço com o aprendizado da técnica. Pensei ter achado a dança que não seria a famosa “modinha”. E sinceramente, que bom que meu pensamento estava errado. Sem discriminações com a mesma, é claro.

Em minha percepção como artista/pesquisador, algo que todas essas danças têm em comum é a limitação de expressividade e possibilidades de criação. Não podíamos fazer movimentações tão particulares e diferentes, uma vez que essas danças tinham um caráter fechado a um padrão de movimentos que se repetiam em todos que dançavam. Outro fator em comum eram as disputas de dança que sempre me chamavam a atenção e que também me levou ao interesse pelo *break dance* nos anos seguintes.

Quando eu tinha quase quinze anos e ainda estava no ensino médio, na escola Dr. Pádua Costa, localizada em Santa Bárbara do Pará, local onde vivo até hoje, fui convidado por alguns amigos da época que dançavam outras danças urbanas para participar de aulas que eles chamavam de *hip hop*. Lembro-me bem de quando um

deles chegou para falar comigo e perguntou - Ei? Renan, vamos fazer aula de “dança *hip hop*”? - respondi que sim, mas somente por educação, pois havia um preconceito impregnado em mim no qual me fazia enxergar o *hip hop* de maneira marginalizada. Quem nunca teve? Quem não tem? Estou falando de algo que faz parte da história desta cultura. Isso está de fato mudando graças à mídia e ao forte trabalho do corpo arte-educador da cultura *hip hop*.

No dia 06 de Fevereiro de 2010 tive meu primeiro contato com o *break dance* por meio da escola Dr. Pádua Costa, que executava um projeto do governo federal chamado “Mais Educação”. Dentro deste projeto, havia o curso de *break dance*, ministrada pelo professor Juan Borges, mais conhecido como *Habibi*, no tempo era integrante do grupo *Kurumim*<sup>6</sup> *Crew*, um projeto do grupo de dança *Amazon B. Boys*<sup>7</sup> de Belém do Pará. *Habibi*, foi uma das maiores influências para que eu continuasse conhecendo a cultura *hip hop*, pois ministrou as aulas do curso de forma que me cativou e me deixou interessado pelo *break dance* e mais tarde pelo estudo da dança e do seu amplo conhecimento.

Lembro-me de estar despreparado, não usava calçados, pois não tinha noção de como era uma aula de *break dance*, na verdade, não tinha noção de nenhuma outra aula de dança, pois nunca havia participado. Havia aprendido as danças citadas anteriormente somente vendo vídeos ou outras pessoas dançando.

Fiquei com um pouco de receio, os pensamentos eram vários e esperava um professor cheio de correntes de ouro, vestimentas bem largas, um boné de aba reta, um som bem pesado, com atitudes de *gângster*<sup>8</sup>.

Essa parte não era um preconceito a respeito, pois não me importaria se fosse uma pessoa desta forma, já que era a imagem que tinha de um integrante da cultura *hip hop*, mas acabei estereotipando por somente ter contato por vídeos e filmes que apresentavam estas características.

---

<sup>6</sup> Kurumim é uma adaptação de “curumim” que significa “índio pequeno” na língua indígena Tupi.

<sup>7</sup> Amazon B. Boys é um grupo de *break dance* de Belém do Pará, conhecido no mundo e que coleciona inúmeros títulos nacionais e internacionais.

<sup>8</sup> Neste caso, a palavra *gângster* não remete a um membro de uma gangue verdadeiramente. Quando uso esse termo, estou direcionando para a aparência estética, atitudes e gírias de um *gângster*.

Chegamos à escola e lá estava um rapaz de no máximo vinte anos, de roupas com largas padrões para nossa sociedade, um cabelo estilo personagem de desenho japonês, com atitudes simples e educadas. Nossa! Que *hip hop*, que *break dance* é esse que me identifico em partes? Não esperava por isso. Lembro-me de me fazer esta pergunta.

Então iniciamos as aulas e no dia seguinte já cheguei com roupas apropriadas para dançar, um tênis e uma vontade de aprender um pouco mais do que no dia anterior. Durante a semana não tínhamos aulas, pois o projeto só acontecia nos finais de semana.

Lembro-me de ficar todo dolorido durante a semana, mas comecei a me sentir um masoquista, lembro-me de pensar que o corpo dolorido era algo que nunca esteve presente nas outras danças e foi nessa hora que senti a sensação de desafio e resolvi tentar mais uma vez, pois aquela dor me dava prazer em querer dançar mais, até que meu corpo se acostumasse e me dissesse até onde eu poderia ir.

E o final de semana seguinte chegou e depois o outro e mais outro, eu estava cada vez mais apaixonado pelos detalhes, as histórias de campeonatos de dança ou batalhas<sup>9</sup>, os vídeos de pessoas mais experientes dançando, o contato com algumas dessas pessoas. A cada aula, a cada aprendizado, era algo que me preenchia e me fazia querer errar até aprender a fazer corretamente.

Foi nesse ponto que junto com meus colegas de dança resolvemos criar o primeiro grupo de *break dance* de Santa Bárbara do Pará, o União *Break Crew* (UBC). O projeto mais educação terminou, mas continuamos a treinar, não só aos finais de semana, mas sim todos os dias numa igreja que não estava sendo mais utilizada.

---

<sup>9</sup> Sem as batalhas, o B-Boying não existiria por si próprio. Todos os aspectos da dança foram criados para a competição, e cada movimento é julgado de acordo com sua eficiência durante sua execução. Durante a batalha, B-Boys e B-Girls aprendem a usar seu aprendizado como um fundamento para a criatividade. Eles transformam precisão e sutileza em símbolos de uma agressão expressa por movimentos, não pelo contato físico. (NESS, Alien. A arte da Batalha, s/d, s/p)

Passaram-se dias, semanas e meses e estávamos evoluindo, alguns mais rápidos e outros mais devagar, encaixava-me nos que aprendiam mais devagar. E isso acabou sendo muito importante para o meu crescimento, na verdade, com cinco meses de treinamento resolvemos participar do nosso primeiro campeonato de *break dance* e tínhamos que selecionar os oito melhores e mais preparados para estarem em cima do palco dançando. E adivinhe, eu não estava entre os oito.

Fiquei chateado comigo mesmo por não estar na mesma qualidade técnica dos outros. Durante os treinos específicos para este campeonato, houve uma desistência por um motivo que não me recordo, e por isso tive a minha chance de participar, e acredite, não fiquei feliz de ter entrado para os oito daquela forma. Enfim, treinamos nossas sequências e coreografias e fomos para o campeonato.

Tudo era novidade, o nervosismo me fazia tremer como nunca havia tremido antes. Falei com pessoas que já tinham obtido um sucesso na dança e que viviam dela. As batalhas começaram e eram incríveis, movimentos que nem sabia que o corpo humano poderia executar.

Quando chegou a nossa vez, fiquei apreensivo por conta da pouca experiência técnica na dança *break* que possuía. Fiquei pensando se as pessoas iriam ao menos se interessar por ver, ou levantar as mãos e sacudi-las como é de costume fazer no *hip hop* enquanto alguém faz algo novo, diferente, inesperado, bonito, interessante e divertido.

Dando continuidade, entramos para batalhar e tivemos um rendimento maior do que o esperado, minha sequência coreográfica foi uma das melhores e vi as pessoas aplaudindo por eu ter dançado no ritmo e aproveitado todos os efeitos da música. Foi uma sensação incrível. Perdemos a batalha nesse dia, mas ganhamos o respeito e experiência de muitos e eu ganhei uma passagem só de ida à minha vida para dançar *break*, ou seja, foi aí que nasce meu amor por esta dança. A partir daquele momento, comecei a me dedicar e superar cada obstáculo.

Com o passar do tempo, tive alguns problemas com os integrantes do grupo UBC e resolvi sair do grupo. Comecei a dançar sozinho e já não tinha mais que focar em um desenvolvimento coletivo. Busquei frequentar outros lugares para treinar, aprendi varias técnicas e aprendi belos movimentos.

Mas de fato, dançar *break* sem ter um grupo, já que é bastante interessante fazer parte de um dentro da cultura *hip hop*, com o passar do tempo, se torna entediante, uma vez que muitos dos campeonatos que ocorriam não eram de caráter individual. Foi neste ponto que resolvi fazer uma audição para entrar em um grupo de *break dance*.

O grupo Amazon *B. Boys* iniciou as audições para o projeto chamado de *Kurumin Crew*, grupo de base para formar futuros amazons. Então, resolvi fazer, só que não havia treinado a sério para isso. Resultado, como o esperado, não passei e resolvi voltar para o UBC. Passei mais um tempo por lá, participávamos de vários campeonatos e já estávamos bastante conhecidos. Mas, mais uma vez tivemos desavenças e resolvi sair do grupo.

Mais um ano se passou e havia me dedicado muito para passar na próxima audição *Kurumim Crew*. Fiz e passei em segundo lugar. Era uma sensação boa, de superação, naquele momento vi os resultados dos meus intensos e cansativos treinos.

Com o passar do tempo, tive muitas oportunidades de aprender sobre o que é ser um *B. Boy* e o que é ser um integrante de um grupo que devemos ter como uma família. Porém, não tinha percebido a importância de assimilar esses fatos e as consequências foram às mesmas do meu grupo anterior. Acabei saindo do grupo a pedido do diretor.

Mais uma vez eu estava solitário, vagando como um nômade. Decidi ficar um tempo ausente da dança para pensar e refletir sobre os princípios que eu não tinha. Depois de uma análise daquele momento, posso dizer que comecei a amadurecer. Se dançar e viver a dança era o que eu queria da vida, deveria escutar e aprender

mais com quem já estava inserido há mais tempo do que eu neste meio. Como redenção, pedi para voltar para o UBC, a minha sorte é que todos os integrantes desse grupo eram meus amigos fora da dança e mantínhamos sempre contato.

Passei uma temporada dançando com eles, vários campeonatos ganhos e apresentações feitas. Já havia quatro anos e três meses que estava inserido dentro do *hip hop*. As obrigações da vida já tinham interferido na dança dos integrantes do UBC ocasionando a saída de alguns deles e fazendo com que outros parassem de dançar por conta de trabalho e educação. Os que sobreviveram foram se desmotivando e desaparecendo aos poucos. Talvez porque não tinham a dança como profissão, mas, somente por diversão.

Então, quando o grupo enfim se dispersou, resolvi fazer a audição do *Kurumin Crew* novamente. Mas antes precisaria conversar com os responsáveis. Disse-lhes que havia mudado e que passei a entender o valor de estar em um grupo, de trabalhar em grupo. E de fato isso já estava bem claro na minha concepção. Então me deram outra oportunidade, e fará seis meses até o dia da defesa deste TCC (20 de Janeiro de 2016) que estou me dedicando para contribuir com esta família enquanto eles contribuem com o meu crescimento enquanto *B. Boy* e cidadão.

A dança é construída de forma particular, cada dança é cada dança. Temos que discordar do que não soma para nós como verdade, mas também temos que ser amplos e abertos para escutar e respeitar outras verdades. Hoje sou artista, professor, *B. Boy*, coreógrafo e me considero uma pessoa aberta para novas verdades, sou mais crítico em avaliar e sensível para os detalhes, sou mais atencioso com as pessoas que estão ao meu redor. A dança é o reflexo da minha vida e a vida quando danço é um trailer de um filme que não vejo, mas sei que está impregnado no meu corpo.

## 2 PASSEIO TURÍSTICO CULTURAL: UMA INTODUÇÃO AO MOVIMENTO HIP HOP E RELATOS DA ATUALIDADE EM BELÉM DO PARÁ.

Esta seção foi 80% elaborada e construída por meio de perguntas respondidas de forma pessoal por pessoas que conhecem a história do *hip hop*, fazem parte especificamente de seus respectivos pilares e fazem o cenário atual da cultura em Belém do Pará. Por esse motivo, ressalto que compreendo todos seus processos históricos construtivos e suas constantes mudanças, não nego, porém, não me preendo a isso, pois tenho a intenção de mostrar a atualidade, como explicarei a seguir.

Gostaria de deixar claro e evidente de que não tenho a intenção de ir contra e/ou influenciar a descrença das teorias de outras pessoas que pesquisam ou fazem parte da cultura *hip hop* e que contribuem de alguma forma com a mesma. Como pesquisador, acredito que existem verdades e não verdade.

Inicialmente, quero deixar bem claro que não é uma tarefa fácil escrever sobre a história do *hip hop*, pois há uma grande problemática em relação as suas fontes históricas que ganharam diversas versões com o passar do tempo. Ressalto também que estamos falando de uma cultura que se iniciou longe da nossa realidade no Brasil e que foi influenciada por tantas outras. Segundo Rosário esta tarefa é complicada e arriscada.

Antes de qualquer explanação sobre o que seria a cultura *hip hop*, é de suma importância ressaltar o quanto é complicado e arriscado falar sobre qualquer manifestação cultural, principalmente desta que sofre influência de tantas outras culturas e que possui uma dinâmica de transformação e adaptações muito acelerada. De modo que se torna quase impossível aborda-la plena e satisfatoriamente em todos os seus aspectos. (ROSÁRIO, 2012, p. 21).

Uma vez que falamos sobre cultura, devemos compreender que existem “verdades” em vez de “verdade” e que nenhuma cultura é homogênea, mas sim híbrida, ou seja, é derivada de duas ou mais influências culturais. Nossos conhecimentos, assim como nossas palavras estarão sendo registrados e consecutivamente repassados para outras pessoas. Com base no livro “*Cultura um Conceito Antropológico*”, reforço com o pensamento do autor sobre o entender a cultura.

Concluindo, cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender esta dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para humanidade a compreensão das diferenças entre os povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema. Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo novo porvir. (LARAIA, 2001, p, 52).

Para que não haja conflitos, é crucial a compreensão de que a cultura nunca está parada, ela está em constante movimentação. Uma mesma cultura pode ser analisada a partir de vários olhares, que podem variar desde o olhar leigo ao especializado, do olhar pertencente a outra cultura ao que está caminhando com a que está em análise. Para que possamos apresentar nossas opiniões, precisamos primeiramente respeitar as opiniões que nos rodeiam, e isso já nos leva de frente com o preconceito e o egoísmo. Deixem as couraças de lado por um momento e experimente novas vertes. Quem sabe alguma serve. certo?

## 2.1 A CASA HIP HOP.



Figura 4 - A casa *hip hop*. Fonte: Arquivo do Autor

Na construção de uma casa é preciso erguer pilares para que ela possa ser sustentada e estes pilares são construídos a partir da teoria, que é a matemática, e da prática que é a mão de obra. Assim também foi pensada a construção do *hip hop*, com pilares que foram construídos com a teoria de seus idealizadores e com a prática de quem já tinha a experiência com os pilares antes mesmo da categorização dos mesmos, que são: *DJ*, *MC*, *graffit* e a *dança*.

É muito importante entender a história do *hip hop*, desde o cenário no qual se formou a base para o que conhecemos hoje como a cultura em si, conhecer seus ícones, a situação atual de cada pilar que o sustenta, principalmente a dança, que é o foco desta pesquisa.

Os outros pilares que são *DJ*, *MC* e *graffit*, serão desenvolvidos mais a frente de forma sucinta somente para a contextualização do *hip hop*. Uma vez que esta monografia analisa estes pilares como fatores influenciadores na formação do pensar e na hora de agir, que nada mais é do que dançar ou o processo de criação na dança *breakin* de cada B. Boy ou B. Girl.

### 2.1.1 NO QUE O HIP HOP SURTIU, SEMPRE ESTARÁ PRESENTE.

As características do *hip hop* são vistas em vários lugares, nunca sabemos onde iremos encontrar traços dela, quem sabe uma pintura, um modo de se vestir, de falar, provavelmente em varias classes sociais, em vários ambientes, a influência do *hip hop* está no mundo, em quase todos os lugares. Mas se tem um lugar onde realmente precisam dela e com certeza ela sempre vai estar presente é na periferia, nas favelas, as margens da sociedade, salvando pessoas e transformando gerações. Talvez seja por isso que exista o preconceito em algumas pessoas, por estarmos tão próximos da marginalidade, propositalmente.

O *hip hop* teve inicio no começo da década de 70 quando em *New York*, mais especificamente nas periferias como *Bronx*, local onde residiam pessoas de vários lugares e etnias, como de Porto Rico, África, América Latina e de outros bairros dos Estados Unidos que imigraram para lá. Este fato ocasionou um pequeno inchaço populacional e que trouxe agregado a isso suas características como: problemas sociais, políticos e econômicos. Uma situação bem parecida com a qual vivemos no Brasil.

A falta de apoio, os problemas estruturais ocorridos naquele lugar, a falta de atenção do governo e da sociedade ao redor, resultou na iniciativa e nas escolhas dos jovens e adultos de participarem de grupos fora da lei, como o do tráfico, gangues, quadrilhas, entre outro que somaram para uma visão negativa e fizeram daquele lugar, um bairro desvalorizado e pouco frequentado por pessoas de fora, abrigando as pessoas de classe média baixa e baixa.

Contudo, eis que surge meia luz dentre a escuridão. Um homem, *Kevin Donovan* (1957), cujo apelido é *Afrika Bambaataa*, e que na sua tradução livre para o português significa “líder Carinhoso” é conhecido como o pai da cultura *hip hop*.



Figura 5 - *Afrika Bambaataa*. Fonte: Disponível em <https://catracalivre.com.br/sp/educacao-3/gratis/metodista-recebe-afrika-bambaataa-para-palestra-gratuita-sobre-hip-hop-e-inclusao-social/>

*Bambaataa* era membro de uma das maiores e mais perigosas gangues do *Bronx*, em *New York*, conhecida como “*Black Spades*” (panteras negras). Ele, que depois veio a ser conhecido como o criador do *Electro Funk*<sup>10</sup> e que hoje é um *DJ* reconhecido no mundo inteiro e que influenciou várias gerações, tanto na dança quanto na música.

*Bambaataa*, cansado de viver nas gangues e naquele ambiente hostil, resolve mudar suas atitudes, sua postura perante a sociedade, para um reconhecimento como pessoa do bem. Mas *Bambaataa* não se contentava em ver somente a sua mudança enquanto muitas pessoas das quais ele esteve ao lado durante seu tempo de gangster, continuassem vivendo naquele meio.

Pensando em uma tentativa de autoafirmação e combater estes fatores negativos, *Bambaataa* e outras pessoas que partilhavam desta ideologia, deram início ao que viriam algum tempo depois mais de forma consolidada e aceita como a Cultura *hip hop*. Ele resolveu observar os gostos e as habilidades de cada pessoa e de cada grupo e uni-los pelo que tinham em comum: *Graffiti* (artes visuais), *MC* (rimas), *DJ* (elaboração e controle musical por meio da tecnologia) e o *breakin* (dança).

---

<sup>10</sup> Electro-funk ou electro-boogie, é um gênero de música eletrônica diretamente influenciado pelo uso da bateria eletrônica TR-808, Sintetizadores Moog keytar e samplers de Soul e Funk. (ZULUNATION, 2012)

*Bambaataa*, como um dos principais idealistas, fundou em 12 de novembro 1973 uma organização mundial chama Zulu Nation Universal que proporciona uma interação/integração social com o foco nos jovens que vivem nas periferias e com seus respectivos problemas sociopolíticos e econômicos. Segundo o representante oficial da zulu Nation Pará, Marcos Albuquerque ( ou Ninja, como é mais conhecido), que escreveu em seu blog [www.estilodebelemhiphop20anos.blogspot.com](http://www.estilodebelemhiphop20anos.blogspot.com).

Zulu Nation Universal, originalmente conhecido simplesmente como The Organization, é uma organização internacional de Hip Hop, com mais de 400.000 membros, que surgiu entre membros de gangues de rua reformados no Bronx no início de 1970. A missão de UZN é difundir o conhecimento, a paz, o patrimônio, música e conscientização para as pessoas do mundo. (ROSÁRIO apud ZULUNATION, s.p, 2012)

### 2.1.2 UNIVERSAL ZULU NATION NO PARÁ.



Figura 6 - Símbolo da *Universal Zulu Nation*. Fonte: Disponível em <http://wearezulunation.tumblr.com/>

Os trabalhos da UZN no Pará acontecem por meios de projetos como a produção de eventos nacionais e internacionais, seletivas, shows, encontros de dança, entre outros que citarei a baixo.

Projeto “*Hip Hop Móvel*”: Segundo Ninja em entrevista concedida para este TCC, “o projeto *Hip Hop Móvel* é um carro Fiat Doblo com som e mesa de áudio, microfone e um *decorflex*<sup>11</sup> em cima, com painel grafitado ao lado, com músicas de rap nacional e internacional tocando para a galera se divertir”. Esse projeto visa levar o conhecimento para as comunidades se utilizando de palestras e oficinas;

Outro projeto que Ninja descreve é o “*Hip Hop Solidário*” que tem como objetivo arrecadar alimentos para famílias carentes, mães solteiras, crianças órfãs, fazendo visitas para creches e para crianças com câncer nos hospitais;

Projeto “*Estilo de Belém para Crianças e Jovens*”, de preferência para os que se encontram em risco social e de vulnerabilidade. Este projeto visa por meio dos relatos pessoais dos dias vividos nas juventudes de cada integrante do projeto, com o intuito de serem exemplos de mudança nos caminhos que estes jovens trilham e que poderão trilhar na vida. buscando mostrar que o papel da cultura *hip hop* na sociedade pode ser eficaz na vida de cada pessoa.



Figura 7 - Afrika Bambaataa e Ninja, Zulo nation. Fonte: Marcos Albuquerque (ninja)

É bastante óbvio o poder que o *hip hop* dá nas mãos de quem faz parte dele, ou seja, a cultura em si não teria condições de mudar a vida de alguém. O que realmente valida essas condições é a potencial bondade e amor pelo próximo de cada pessoa que encontra no *hip hop*, ferramentas para realização dos próprios

<sup>11</sup> Piso de compensado liso para dançar.

sonhos e dos outros. É tão óbvio, que nega-lo e não utiliza-lo se torna um descaso com o futuro da humanidade. É nessas horas que lembro-me de uma frase dita em um dos filmes do personagem e super herói “Homem Aranha”, que dizia “com grandes poderes, ganhamos grandes responsabilidades”. e que por ventura resume o que eu quis fomentar neste parágrafo.

Adiante, escreverei sobre os pilares do *hip hop* de forma sucinta e subdivididas para a compreensão por partes, mas como atuante desta cultura, vejo que os pilares estão sempre ligados uns aos outros e poderiam muito bem ser descritos de forma corrida, sem categorizações.

## **2.2 MENSAGEM NO MURO: GRAFFIT.**

Quando criança via desenhos pelas ruas, nos muros das casas, nas praças e isso sempre me preocupava, pensava: esse lugar é perigoso. Hoje quando vejo desenhos pelas ruas, nos muros das casas, nas praças, ainda me preocupo, penso: Legal! Bate uma foto antes que apaguem!

O *graffit* geralmente é feito em muros e com o propósito de deixar mensagens. Esta prática é observada como forma de comunicação, e podemos perceber que não é algo atual, mas sim, antiga. Podemos buscar nos registros históricos como na época dos nossos antecessores, os famosos homens das cavernas, que desenhavam seus afazeres, como por exemplo, a caça, e que usavam essa ideia como forma de comunicação e de registro para o ensinamento dos seus descendentes. Esses desenhos são chamados de arte rupestre.



Figura 8 - Arte Rupestre. Fonte: Disponível em <http://minutoligado.com.br/historias/artes-rupestre/#>

Fascinante e envolta em mistério, a Arte Rupestre é a mais importante fonte de informação sobre as origens intelectuais e artísticas da humanidade. Um dos únicos vestígios deixados voluntariamente pelos homens pré-históricos, essa manifestação cultural é muito anterior à linguagem escrita. Modelar, gravar ou pintar sobre um suporte rochoso é uma atividade realizada em todos os continentes, da Europa à Ásia ou a Austrália, do Alasca à América do Sul; do Orinoco ao Rio da Prata ou à Patagônia. O registro rupestre mais antigo, uma linha desenhada em ziguezague gravada em uma caverna na Índia, foi datada entre 200 mil e 300 mil anos (OLIVEIRA, 2009, p. 296. apud BEDNARIK, 1998, p. 5).

Atualmente existem duas formas (ilegal e legal) de utilizar estes princípios rupestres, só que com mais técnicas, com o uso de várias tecnologias, com mais frequência e em mais lugares. O ato de deixar marcas, mensagens, ideias em desenhos nos muros de forma ilegal, cujas pessoas denominam de pichar<sup>12</sup>, e para mim, baseando-me no dicionário de língua portuguesa, as pessoas utilizam esse termo de forma errada, pois, pichar, também é grafitar.

---

<sup>12</sup> Pichar, segundo o dicionário *O Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. Significa: Criticar asperamente, escrever em muros, grafitar.



Figura 9 - Graffiti no Muro. Fonte: disponível em <http://www.brasile scola.com/artes/grafite.htm>



Figura 10 - Pichação no Muro. Fonte: Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Picha%C3%A7%C3%A3o>

Essa forma de protesto, expressão e de comunicação, assim como o *graffit* que se utiliza das mesmas condições compartilham do mesmo objetivo (digo isso com relação à arte e não com relação ao que é certo ou errado). A diferença entre ambos é somente o que a lei permite, ou seja, a autorização para o uso dos desenhos em áreas públicas ou particulares, uma vez que esses desenhos na maioria das vezes são feitos em muros para maior visibilidade das pessoas.

Voltando para o início do *hip hop*, *Bambaataa* olhou para as pessoas que usavam a tinta nas paredes e percebeu que também era possível fazer algo para mudar a realidade conflituosa da época naquele bairro por meio das artes visuais. Então ele notou que as pessoas e os grupos tinham características de marcar território por meio de desenhos, rabiscos nas paredes, escrevendo o seus nomes, apelidos, nomes de gangues e símbolos. E em cima disso as pessoas poderiam promover a paz, já que por mais que existissem rivalidades, eles tinham algo em comum, um dom que poderia ser estimulados em outras pessoas.

Essa arte foi definida como *graffit*, um pilar da cultura *hip hop*, cuja forma de expressão seria desenhar em locais com a autorização para expressar seus interesses particulares ou compartilhados, ainda representando seus grupos, mas de maneira formal e pacífica.

O grafite acontece no estado do Pará, mais frequentemente na região metropolitana por alguns grupos organizados como por exemplo o “*Cosp Tinta Crew*” que atua a 10 anos no cenário paraense do *graffit* e é deste grupo que busquei relatos como forma de contribuição para essa percepção atual do cenário *hip hop* em Belém do Pará. O entrevistado foi o grafiteiro conhecido como “Graf” (Fábio Luís Modesto Cardoso).



Figura 11 - Graf grafitando. Foto: Disponibilizada por Graf (Fábio Luís Modesto Cardoso).

- **Como e quando foi o seu primeiro contato com o *hip hop*?**

Em resposta, Graf, disse:

Meu primeiro contato com o elemento *graffit* foi no final de 2006 na minha comunidade junto com alguns amigos da mesma.

- **Conte sua história: Relate sua vida começando antes de fazer parte da cultura *hip hop* até os dias atuais como participante do mesmo.**

Em resposta, Graf, disse:

Antes da cultura *hip hop*, eu passei por algumas problemáticas com questões de gangues, passei um ano “pixando” e após esse período fui ao maranhão morar com meu pai e ao meu retorno, comecei a me dedicar ao *graffit* bem esporadicamente. Após alguns anos me dediquei mais e fui me envolvendo. Em 2009, fiz minha primeira viagem interestadual para Recife para participar de um evento de *graffit* e lá tive contato com o *graffit* social, mais precisamente com os mutirões de *graffit*, no qual aprendi muito com as articulações. Ao meu retorno, eu e Ed Paulo, que também foi para Recife, iniciamos as articulações dos mutirões em Belém. Hoje sou arte educador, grafiteiro e também trabalhando em uma obra de restauração de pinturas artísticas de um prédio histórico tombado.

- **Qual a sua contribuição para a cultura *hip hop*?**

Em resposta, Graf, disse:

Hoje eu faço atividades em espaços periféricos como mutirões de *graffit* e participo de alguns eventos colaborando com o meu trabalho, sempre colaborando com as atividades envolvendo movimento cultural além do *hip hop*.

- **O que é o pilar *graffit* da cultura *hip hop* para você?**

Em resposta, Graf, disse:

O *graffit* é um elemento do movimento *hip hop* que tem a responsabilidade social de mostrar o mundo de forma real. É um transformador social através dos muros juntamente com o diálogo com os espaços que o envolve, o sistema oprime e nos deixam vendados em meio as informações reais ao meio social. O *graffit* tem o dever de mostrar ao espectador o que o sistema esconde, um condutor de informação e formador de opinião, o *graffit tá pra dar* perspectivas de vida para quem não tem a mesma. Por isso hoje tenho maior envolvimento em espaços periféricos e escolas públicas, para que exista esse diálogo mostrando que a caminhada só terá êxito se o jovem tiver envolvimento com a questão educacional além da perspectiva da escola.

- **Como você vê o cenário do *graffit* em Belém do Pará?**

Em resposta, Graf, disse:

O cenário paraense *tá* engatinhando perto das metrópoles como Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e outras. Mas tem artistas empenhados e dedicados que levam o *graffit* a sério e vivem de arte. Mas, “*o caldo tá engrossando*” e hoje temos nomes que são reconhecidos no cenário nacional e temos grandes eventos que envolvem um cenário além da cena local. Hoje já tivemos visitas de grandes nomes *graffit* nacional e o *graffit* paraense tem oportunidades de *tá* dialogando com o cenário nacional através da internet e eventos de grande porte que são organizados aqui na capital. Mas os grafiteiros ainda precisam abrir os olhos para além da cena local e se desprender de alguns padrões.

- **O que melhorou e o que precisa melhorar na cultura *hip hop* em Belém do Pará?**

Em resposta, Graf, disse:

A cultura *hip hop* em Belém tem se preocupado em desenvolver atividades de entretenimento apenas, acho que o movimento na atualidade não tem tido preocupações com questões políticas e sociais. Precisa-se *tá* mais presente na periferia, mostrar a cultura para o povo que *tá* sendo exterminado pela ordem governamental opressora, ser mais ativo nessas ações e transformar essa triste realidade.

- **Complete (com uma frase ou palavra) a equação: Cotidiano + cultura *hip hop* = :**

Em resposta, Garf, disse:

Transformação social periférica.

### 2.3 RIMANDO NA BASE: MC

Se um dia você não deu importância em ouvir um conselho dos seus pais, ou quem sabe você hoje não compreende a realidade em que vive, talvez, você precise de um conselho. Fique tranquilo. Procure escutar um MC, pois, cada rima é uma mensagem e cada rap é uma lição de vida.

A procura por ferramentas para fazer acontecer às mudanças, *Bambaataa* olhou para outra manifestação que se voltava para a música. As pessoas que tinham costumes de intimidar e articular conhecimento por meio das palavras rimadas (ou não) com ofensas, críticas, respostas rápidas e indiretas, isso tudo como uma personalidade individual

Unindo o útil ao agradável. Então se consolida o MC, que significa “Mestre de Cerimônia”, usando as palavras bem articuladas com coerência para atacar seus adversários que também seriam usuários deste mesmo poder, sim, poder, pois uma frase pode mudar uma vida. O MC, sem dúvidas é o que está mais próximo a realidade do mundo, é o que obtém mais conhecimento e o mais crítico, pois, as realidades diversas são como chãos para as rimas se afirmarem.

É interessante e surpreendente quando penso que o ser humano consegue utilizar o conhecimento adquirido ao longo da vida, de forma rápida e improvisada. mantendo o ritmo em cima da base musical e articulando cada ideia sem fugir do tema sugerido. Imagine que essas pessoas não tem mais do que um segundo para escolher as palavras certas e que ainda rimam com a outra. Não houve uma vez em que não me surpreendi com essa arte, além das boas mensagens que me passaram.

Dentro do cenário dos *MCs* em Belém do Pará, as coisas ainda são complicadas, falta compreensão da parte da sociedade para entender o trabalho realizado por estes artistas. O estilo musical que é produzido nesta arte, intitulado de

“rap” é visto com relação as drogas, ao crime, a marginalização, mas o que as pessoas não entendem é que ela faz parte do *hip hop* e assim como está cultura, ela tem como uma das funções, resgatar as pessoas do mundo hostil.

Talvez as suas letras choquem as pessoas pelo alto grau de realidade que contem nas suas palavras e que retratam transparentemente a realidade das periferias. Dentre todos os pilares da cultura *hip hop*, para mim, como atuante na cultura e também como pesquisador, os *MCs* estão muitos mais próximos da realidade da periferia.

Para trazer uma ideia mais particular deste pilar, entrevistei o *MC* Koalla Crew (Walame Souza), que contribuiu respondendo algumas perguntas de suma importância para entendermos um pouco desta área. Vamos às perguntas.



Figura 12 - Koalla Crew rimando. Fonte: Walame Souza (Koalla Crew)

- **Como e quando foi o seu primeiro contato com o *hip hop*?**

Em resposta, Koalla, disse:

A primeira vez que eu *tive* contato com o *hip hop* foi inevitável. Aos 16 anos morava numa quebrada<sup>13</sup> chamado Curuçambá, lá em toda parte se ouvia *rap*,

---

<sup>13</sup> O termo “quebrada” é usado como uma forma de gíria que designa o local onde um ou mais indivíduos moram.

caixas de sons nas casas, celulares e etc. E assim tive curiosidade em saber do que se tratava esse ritmo que a galera acompanhava com gestos, fui atrás, me informar!

- **Conte sua história: Relate sua vida começando antes de fazer parte da cultura *hip hop* até os dias atuais como participante do mesmo.**

Em resposta, Koalla, disse:

Bem, mais novo eu não dava valor nas coisas, eu era um moleque sem perspectiva de vida, más amizades e tal. Coisas de sempre, eu fugia da escola para estar bebendo com os *moleque* no complexo da cidade nova 6, depois que eu conheci o *hip hop* minha visão sobre as coisas mudou, me tornei um cara mais consciente dos meus atos. Não terminei meus estudos por motivos de trabalho, mas o rap me deixou ciente do que vem acontecendo!

- **Qual a sua contribuição para a cultura *hip hop*?**

Em resposta, Koalla, disse:

Contribuo com a cultura, incentivando os *moleque* a conhecer essa cultura, indo me apresentar nas quebradas onde me chamam, escolas, eventos de *B. Boys* e etc. Com o detalhe de nunca ter recebido retorno financeiro, pois nós gastamos, mas essa parada feita para nossa gente é por amor, não ao rap ou a cultura mas sim a forma que a cultura acolhe todo mundo.

Em resposta, Koalla, disse:

- **O que é o pilar *MC* da cultura *hip hop* para você?**

Em resposta, Koalla, disse:

Minha vertente para mim é apenas a voz da periferia, o alto-falante, onde pessoas escutam a vida delas através das rádios. Quem foge desse contexto nunca

será pelos oprimidos. É a minha liberdade de expressão em cima de batidas, meus pensamentos organizados.

- **Como você vê o cenário dos *MCs* em Belém do Pará?**

Em resposta, Koalla, disse:

No meu ponto de vista, o *hip hop* é bastante dividido em Belém do Pará, tanto as vertentes separadamente, quanto a dos *MCs* em si. Mas isso não é da cultura e sim das próprias pessoas, uns querem ser mais que os outros. E o descaso do governo com a nossa cultura e com todo o resto, sem investimentos, e a discriminação da própria população contra nós, somente faz enfraquecer o elo, desmotiva, mas nós seguimos de cabeça erguida!

- **O que melhorou e o que precisa melhorar na cultura *hip hop* em Belém do Pará?**

Em resposta, Koalla, disse:

O cenário do rap em Belém vem crescendo a cada sábado em São Brás, vários *MCs* surgindo na cena, mas continuamos sem apoio. Sem incentivo, mas nós temos força de vontade, mas temos nossas diferenças, somos divididos também, mas dificilmente entramos em conflito, falando do rap!

- **Complete (com uma frase ou palavra) a equação: Cotidiano + cultura *hip hop* = :**

Em resposta, Koalla, disse:

Qualidade de vida.

## 2.4 DANDO RITMO À CULTURA: DJ.

O *DJ* é o agente que inspira os pilares. Para desenhar, coloque um fone de ouvido; para rimar, peça para o *DJ* soltar aquela base instrumental; para dançar, deixe o *DJ* te arrepiar com a batida da música.

Bom, para não ficar de mais repetitivo e cansativo a importância de *Bambaataa* na consolidação dos pilares e especificamente nesta subseção sobre o *DJ* (*Disc Jockey*), vamos conhecer um dos pioneiros, que contribuíram para o surgimento junto o pai do *hip hop*. Um ícone na história dos *DJs* e influência para várias gerações.

*Kool Herc* nascido em 1955 na Jamaica, e que depois imigrou em 1967 – Com 12 anos – de *Kingston* para *New York City*, trazendo de lá um tipo de som de alta potência denominado de “*Sound System*<sup>14</sup>” que usava para tocar em festas feitas por *Bambaataa* chamadas “*Block Parties*” que se caracteriza pelo fato de serem feitas em apartamentos abandonados ou em suas áreas ao redor, esses apartamentos são como o projeto do governo que temos no Brasil, as “*COHAB*” (Conjuntos Habitacionais), só que nos Estados Unidos já existiam a muito tempo.

Esses prédios, por serem mal planejados, desvalorizaram aquele local, fazendo com que as pessoas de classes mais sustentáveis se mudassem. E foi durante essas festas que *Kool Herc* inventou o “*Break-Beat*”, usando dois discos iguais de vinil ao mesmo tempo, ressaltando a batida e prolongando a parte da música na qual as pessoas mais gostavam (*break*), fazendo assim elas dançarem intensamente sem se preocuparem com o término da música.

Esse pilar também é desenvolvido utilizando outros dois pilares, sim, o *DJ*, Não obrigatoriamente, faz a música com o *MC* assim como ele também o *DJ* faz a

---

<sup>14</sup> Sound System é um tipo de som com grandes caixas amplificadas que eram utilizados em conexão com carros automotivos para um transporte rápido até o local das festas.

música para o *B. Boy* ou *B. Girl* dançar. O *DJ* contribui animando as festas, campeonatos, eventos culturais por meio da mixagem. E quem contribuiu por meio de perguntas e respostas concedidas para este é um *DJ* respeitado e renomado pelos atuantes da cultura *hip hop* em Belém do Pará. Reginaldo ou como é mais conhecido “*DJ RG*”.



Figura 13 - RG tocando. Fonte: Disponibilizada por Marcio Loureiro.

- **Como e quando foi o seu primeiro contato com a cultura *hip hop*?**

Em resposta, RG, disse:

Em 1995 tornei uns dos fundadores da N.R.P. (Nação da Resistência Periférica) o 1º Movimento *Hip Hop* Organizado do Pará.

- **Conte sua história: relate sua vida começando antes de fazer parte da cultura *hip hop* até os dias atuais como participante do mesmo.**

Em resposta, RG, disse:

20 anos fazendo parte da cultura e do movimento *hip hop*, toco na noite desde 2000, e já realizei diversos bailes em Belém e região metropolitana, como por exemplo; produzi o 1º, 2º e 3º Festival Norte e Nordeste de *HIP HOP* e vários shows com atrações nacionais como, por exemplo; Racionais *MC's*, Mv Bill, Xis, GOG e a

Família, Costa a Costa, Clã-Nordestino entre outros. Fui *DJ* das bandas; Bruno B.O (Sub Versão), Arcanjo 19, Mostrando Fatos, e atualmente estou tocando com a Banca Máfia da Baixada, e *DJ* de batalhas de *B. Boy's* e *B. Girl's* desde 2006.

- **Qual a sua contribuição para a cultura *hip hop*?**

Em resposta, RG, disse:

Entre as minhas muitas contribuições ao longo de 20 anos na cultura e no movimento *hip hop* em Belém, representar e fortalecer o nosso estado a Nível nacional, produzindo o máximo de material local para exportar o mesmo para as grandes capitais. Entre outras coisas relacionadas

- **O que é a vertente *DJ* para você?**

Em resposta, RG, disse:

O *DJ* é o único Músico na Cultura que usa os toca-discos e *Mixer* para produzir e reproduzir as batidas, bases instrumentais e fazendo rolar os *beats* nas festas, shows e bailes.

- **Como você vê o cenário dos *DJs* em Belém do Pará?**

Em resposta, RG, disse:

Vejo entres meus amigos *DJ's*, muita vontade e determinação para representar e criar um ótimo cenário da cultura *hip hip* e *black music* em geral nas noites de Belém nesses 20 anos, mais não é muito fácil, pois não temos nem um apoio pela parte dos governos ou empresários de casa de eventos, por exemplo, assim dificultando qualquer avanço neste cenário.

- **O que melhorou e o que precisa melhorar na cultura *hip hop* em Belém do Pará?**

Em resposta, RG, disse:

Nesses 20 anos observei o crescimento do movimento *hip hop*, por que no começo poucas pessoas escutavam *RAP*, e outras que dançavam em algumas músicas que não eram muito adequadas para os *B. Boy's* na década 90, mais com um pouco de informação, organizando e pesquisando sobre nossa cultura podemos ver a evolução da cultura e a divulgação da música entre os novos jovens chegando a tocar ate nas aparelhagens regionais. Também as nossas viagens para ver o que acontecia nos movimentos em outros estados, os eventos trazendo pessoas e militantes dos movimentos de todo o Brasil para Belém para poder mostrar suas vivencias e experiência para nós aqui.

Hoje é muito bom ver o crescimento e a evolução da cultura *hip hop* em vários níveis. Hoje em dia precisamos melhorar muito mais na união entre os diversos movimentos que existem atualmente, e cobrar mais apoio dos governos estadual e municipal que tem uma visão de patrocinar minimente uma cultura dita regional para uns turista que não vemos na cidade, assim eles esquecem ou se fazem esquecer patrocinar e incentivar outras culturas que tem uma forte influencia entre os jovens das grandes capas e todo o mundo.

- **Complete (com uma frase ou palavra) a equação: Cotidiano + cultura *hip hop* = :**

Em resposta, RG, disse:

Se o *hip hop* é um lugar, já era, eu to aqui.

## 2.5 NO BEAT: BREAK DANCE

Comece balançando o corpo aos poucos, escute a música e deixe-a entrar na sua mente, quando ela te dominar, mostre o que você dominou. Dance!

O *break dance*, também conhecido como *breaking* ou *B. Boying* iniciou-se na década de 70 no bairro *Boogie Down Bronx, New York City (EUA)*. Bambaataa acompanhou o surgimento do break e assim como os outros pilares foi consolidado dentro da cultura *hip hop*. Ressaltando que este trabalho de Bambaataa não é exclusivamente dele, mas como ele se tornou o maior representante e foi o idealizador do movimento *hip hop*, menciono ele, mas sabendo da existência fundamental de terceiros neste processo.

### 2.5.1 TOP ROCKING



Figura 14 - Top rocking b-boy expressing himself. Fonte: <http://hubpages.com/entertainment/artbboy#>

Com o *break beat* rolando nas festas de *Kool Herc* e se espalhando por *New York City*, começaram a surgir os *B. Boys (break boys)* e *B. Girls (break girls)* e os

primeiros passos do *break dance*, sendo na etapa inicial da dança, movimentos em cima, chamados de *top rocking*.

O *top rocking* teve, e ainda tem, influências de varias danças, como a salsa e também o *good foot* (pé bom), uma dança frenética e contagiante ao som do *funk music*, e um ícone neste gênero era *James Brown*, que além de cantar este gênero musical, também foi um grande influenciador para a criação de vários passos de *top rocking*.

Em meados de 1974 a 1975 quando a dança já tinha se espalhado por *New York City*, os *B. Boys* e *B. Girls* dançavam o *top rocking* nas festas disputando entre si com movimentos característicos de cada bairro da cidade, como *Bronx* e o *Brooklyn* com movimentos chamados de *up rock* e *Brooklyn rock*.

## 2.5.2 FOOTWORK



Figura 15 - *B. Boy* fazendo *footworks*. Fonte: <http://www.dancaderua.com/fundamentos/footwork/dicas-de-treino-para-footwork>

E foram nessas festas especificamente as de *Kool Herc*, que apareceram Dois *B. Boys*, *Keith* e *Kevin* (Gêmeos) chamados de *Nigga Twins* (tradução livre: gêmeos negros) que se destacaram por serem os primeiros a levarem a dança em cima (*top rocking*) até o chão, de forma em que trabalhavam os membros superiores como forma de apoio e equilíbrio e os membros inferiores em movimentos circulares.

Surge assim os primeiros movimentos de *footworks* (Trabalho com os pés). Os *Nigga Twins* foram influencia para outros *B. Boys* e *B. Girls* da época que acabaram criando novos movimentos que hoje em dia são bases fundamentais do *footwork* no *break dance*.

### 2.5.3 FREEZE



Figura 16 - *B. Boy* Salazar fazendo um *freeze*. Fonte: Renan Mattos

O que seria de uma sequência com início e meio bem elaborada sem uma finalização de tirar o fôlego? Que proporcionasse aquele brilho ao final? E se você quisesse simplesmente brincar ou provocar o seu adversário? Sim, o *freeze* (congelamento) é o ápice da sequência. Ao final ou durante cada sequência (não obrigatoriamente) fazer uma *freeze* de 2 a 3 segundos é uma forma de mostrar sua técnica e seu domínio sobre esta dança.

O *freeze* exige muito controle do seu equilíbrio, da sua respiração, resistência física, concentração, percepção espacial, percepção de tempo em relação à música, parar para olhar seu adversário se equilibrando por 3 segundo em uma pose que pode variar em 3, 2 ou 1 ponto de apoio, seja na horizontal, vertical ou diagonal.

Exige muito esforço em pouco tempo, pois, na maioria das vezes, o *break dance* é dançado com uma música que conhecemos e/ou que não esperamos tocar,

que nos pegou de surpresa. Uma vez que somos estimulados principalmente pelo som que o DJ mixa.

#### 2.5.4 POWER MOVE



Figura 17 - B. Boy fazendo um *air flare*. Fonte: <http://conexaonetgeek.blogspot.com.br/>

O *Power move* é a dança aérea que por sua vez, teve suas influências nos movimentos da ginástica olímpica e com o passar do tempo ganharam adaptações elaboradas pelos próprios *B. Boys*. A maioria dos movimentos são sobre um ou dois apoios podendo serem alternados.

Esses movimentos exigem bastante controle do corpo e por isso possuem essa nomenclatura de *Power move*, que em sua tradução para o português, significa “movimento de poder”. Existem variações tão complexas que somente quem as criou consegue executá-las, foram criadas com particularidades dos corpos de cada um, é como uma máscara de gesso feito sobre medida no rosto do modelo.

O grau de dificuldade técnica destes movimentos são elevadas e exige certa adaptação do corpo, como resistência, flexibilidade e força. Algumas pessoas aprendem reconfigurando esses movimentos para suas disponibilidades corpóreas e outras nem se quer dominam todas.

## 2.6 RESPONDENDO AS PERGUNTAS COMO ATUANTE.

Como sou atuante na vertente *break dance* há seis anos no cenário paraense e busco sempre estar em contato com os produtores de eventos e projetos em Belém do Pará, me considero apto a responder as perguntas em comuns que foram feitas as outras vertentes.

Só pularei alguns tópicos, pois, já foram respondidos no meu histórico na seção anterior. Os tópicos são “Como e quando foi o seu primeiro contato com a cultura *hip hop*?” “Conte sua história: relate sua vida começando antes de fazer parte da cultura *hip hop* até os dias atuais como participante do mesmo.”.

- **Qual a sua contribuição para a cultura *hip hop*?**
- Em resposta, eu digo:

Contribuo estando presente nos eventos, fortalecendo a cena junto com o meu grupo. Fortalece a cena ajudando com a organização de eventos e produzindo alguns também. Atualmente estou envolvido com uma possível futura associação de *break dance* do estado do Pará.

- **O que é a vertente *break dance* pra você?**

Em resposta, eu digo: Estilo de vida.

*Break dance* pra mim é um estilo de vida. Vai muito além de uma dança. Começa quando eu acordo e dá uma pausa quando durmo, isso quando não sonho.

*Break dance* também é um agente social, um salvador de vidas, se bem utilizado, pode transformar gerações, mudar opiniões e formar cidadãos críticos.

- **Como você vê o cenário do *break dance* em Belém do Pará?**
- Em resposta, eu digo:

Vejo um cenário que a cada ano está crescendo cada vez mais, porém, somente no âmbito competitivo. Vejo um cenário que está sofrendo grandes mudanças e amadurecimento, novas gerações surgindo e com propostas cada vez mais interessantes de se ver. O cenário precisa amadurecer com ideias coletivas, em prol do beneficiamento comum. Elaboração e execução de projetos que proporcionem tanto o conhecimento prático quanto o teórico, que proporcione mais oficinas, *workshops*, mini-cursos e treinamentos, capacitando os *B. Boys* e *B. Gilrs* que estão ativos na cena.

- **O que melhorou e o que precisa melhorar na cultura *hip hop* em Belém do Pará?**

Em resposta, eu digo:

O cenário precisa amadurecer com ideias coletivas em prol do beneficiamento comum e não só em eventos competitivos. Alguns exemplos simples, mas que proporcionariam uma grande diferença para melhor: Elaboração e execução de projetos que proporcionem tanto o conhecimento prático quanto o teórico, que aconteçam mais oficinas, *workshops*, mini-cursos e treinamentos, capacitando os *B. Boys* e *B. Gilrs* que estão ativos na cena.

- **Complete (com uma frase ou palavra) a equação: Cotidiano + cultura *hip hop* = :**

Em resposta, Eu digo:

### 3 ENTRANDO NA RODA: AS INFLUÊNCIAS DE QUEM DANÇA BREAK.

Dedico esta seção especialmente para os atuantes e amantes do *break dance*, que, assim como eu, até pouco tempo atrás ou ainda hoje não fizeram esta descoberta particular, porém, acredito, e por este motivo estou escrevendo este trabalho, que seja em comum na dança *break* para todos.

Chegamos ao objetivo final deste TCC, porém, inacabado e provavelmente inacabável. Sim, inacabável, pois se trata da dança e ela sofre constantes mudanças e é impossível aborda-la por completa, em todos os seus aspectos culturais, sociais, econômicos, religiosos, educacionais, entre outros.

Provavelmente o que será lido e aceito hoje, amanhã poderá não ser mais, ou o contrário. A dança é cultura e segundo (LARAIA, 2001) a cultura é dinâmica, então podemos afirmar que a dança também é dinâmica.

Não concordo com o pensamento “minha dança” ou “meu *break*”, a dança sofre influências, e por mais que ela seja executada por uma pessoa, contem traços de outras, caso contrário, onde mais aprenderíamos a dançar? Iríamos inventar? Imaginar exatamente como são os fundamentos? Não. Aprendemos vendo outras pessoas dançando e ensinando.

Em contraponto aos dois pensamentos citados no parágrafo anterior, acredito na ideia da dança influenciada e influenciável, que por sua vez não tira a autonomia e o estilo pessoal de quem a pratica, ou seja, por mais que pertença a um indivíduo, é influenciada por um ou vários.

Dentro do *break* chamamos essa particularidade de *flavor*, que na sua tradução para o português significa “sabor”. Sabor esse que cada *B. Boy* e *B. Girl* tem em particular, uma forma de temperar a sua dança, ou seja, a forma que se movimentam é única, porém, influenciadas.

Essas influências que acabei de citar acima não se dão somente de pessoa para pessoa, de professor para aluno, pela convivência com outras pessoas que dançam. Estas influências acontecem também, de forma geral, no dia a dia. Dançamos o que vivemos.

Preste atenção. Como você é nos seus afazeres durante o dia? Quais são suas características pessoais? Agora, tente identifica-las na sua dança. Com um pouco de paciência e autopercepção, você começa a identificar características em comum entre a dança e o seu dia a dia. Isso porque tudo está interligado.

No *break dance*, isso tudo é ainda mais forte. E digo isso, pois, assuntos como estes são comuns entre pessoas com mais experiências e mais tempo praticando esta dança. Então sentir essa necessidade de escrever a respeito, para que todos tenham ciência de algo que para os mais experientes, soa como verdade e para mim também. Por isso, antes, citei o *flavor*, pois esse tempero particular de cada indivíduo, tem sua influência na personalidade, nas características pessoais.

Não estou querendo comparar ou seguir a mesma ideia de raciocínio de Ferracini (2006), em seu livro, *Café com queijo, corpos em criação*. Que trata do conceito do “Corpo-subjétil”. Para deixar mais claro, deixarei Ferracini mesmo dizer do que se trata este conceito.

(...) mas um corpo ao mesmo tempo formal e orgânico, um corpo que se auto alimentasse de sua própria potencialidade criando e recriando um comportamento extracotidiano transbordado dele mesmo e nele mesmo e que se lançasse para o espaço gerando, nesse lançamento, uma zona de arte e de inclusão” (FERRACINI, 2006, p. 82).

Não estou desacreditando do que se refere o conceito do “corpo-subjétil”, mas, quando falo de dançar *break*, não estou falando deste corpo que se expande ou que se projeta alterando o cotidiano em cena ou tornando-o algo a mais (extra-cotidiano). Pontuo o corpo que não está entre o cotidiano e o extra-cotidiano, muito menos em um dos dois isoladamente.

Vejo na dança *break* à fase inicial do corpo-subjétil. Primeiro devemos compreender para depois transcender, isso se quisermos a transcendência. Ou para levarmos essa ideia a cena, dançarmos o que vivemos no dia a dia, é preciso expandi-los, (re)significá-los, transforma-los no extra-cotidiano? No *break dance*, percebemos tudo isso como algo naturalizado e que só precisa ser mexido se quisermos, se for uma proposta de um espetáculo, por exemplo.

Pontuo neste trabalho a ideia do corpo que dança e que está em tudo, que não assume outra forma, mas identifica e utiliza outras perspectivas, um corpo próprio, como Merleau ponty descreve.

“A apreensão das significações se faz pelo corpo: aprender a ver as coisas é adquirir um certo estilo de visão, um novo uso do corpo próprio, é enriquecer e reorganizar o esquema corporal” (NÓBREGA 2008, p. 143. apud PONTY, 1945/1994, p. 212).

Somos atravessados por informações/estímulos que nos deixam em constantes mudanças, um corpo próprio, porem repleto de influências. Isso torna nosso corpo em uma fábrica de significados, no qual temos a disponibilidade, de forma inconsciente, a usa-los de forma naturalizada e com e quando compreendemos suas propriedades, conseguimos projeta-las e extra-modifica-las.

Isso tudo está tão naturalizado em nossas epidermes que a maioria dos que dançam não perceberam ainda. Talvez isso esteja distante de compreensão entre os atuantes da dança *break*, pois, é um universo muito competitivo e o foco é somente treinar, sempre a prática, e acabam esquecendo-se de fazer está autoanálise, e assim, desconhecendo o que vive na própria dança.

A minha história contada na primeira seção, claro que de forma resumida, e a cultura *hip hop* influenciaram nas minhas escolhas e influenciam até hoje e certamente não deve ser igual à de ninguém. Em cima disto, tracei meus objetivos a curto, médio e longo prazo. Encontrei-me na dança e hoje consigo identifica-la, sei quem, e como é o *B. Boy Salazar*. Salazar é como sou conhecido no cenário do *break dance*.

A seguir, farei uma análise das minhas características na dança com o meu cotidiano. Também usarei a opinião das pessoas mais próximas a mim: *B. Boy Kekeu* (Kleodon Gonçalves), professor, Amigo e companheiro de trabalhos e *B. Boy Leony* (Leony Pimheiro), professor, amigo e companheiro de trabalhos).

Acredito que essas pessoas conhecem muito a respeito deste assunto, pois são com elas que troco muitas dessas informações encontradas aqui. Confio nas suas experiências, pois, acredito que elas proporcionaram a eles um olhar mais abrangente e detalhado, assim como um técnico de futebol observa o jogo de fora do campo para melhor analisar o desempenho do seu time enquanto jogam.

### **3.1 DEPOIMENTOS.**

Bom, primeiramente quero apresentar minhas características para que em seguida elas possam ser identificadas claramente nos meus relatos. Separei a baixo as 3 características mais pertinentes e visíveis em minha personalidade.

- Espontâneo: No meu dia a dia estou sempre à frente das situações, me dedico aos meus afazeres e geralmente liderando as situações.
- Energético: Sou super ativo no meu dia a dia, não consigo ficar sem fazer nada por muito tempo. Geralmente, procuro algo que faça liberar minhas energias, como esportes, exercícios, sair para um lugar no qual demande um deslocamento maior e mais exaustivo.
- Sistematizado: Essa é uma característica que todos que me conhecem, percebem muito bem. Quando o assunto realmente me interessa, começo a sistematizar e/ou organizar tudo com antecedência. Um exemplo disto é quando penso em viajar, mesmo que a viagem seja somente para 3 anos

depois da decisão de viajar, começo a fazer roteiros turísticos, pesquiso lugares interessantes, passagens, hotéis, valor da moeda, segurança local, transporte, culinária, pesquiso sites e mais sites, entre outras coisas mais.

Agora você deve estar se perguntando ou se não estiver, pergunte-se: Onde essas características aparecem na dança do *B. Boy Salazar*? Simples! Vamos à identificação.

- A espontaneidade, quando danço é identificada na independência da música ou da situação momentânea. Digo isto, pois, um dos cenários mais comuns na dança *break* é a da competitividade, na qual existe uma pressão do seu adversário, do júri, da plateia, sua mesma com relação a dançar bem, sem errar e no ritmo da música. Independentemente disso, consigo desenvolver minhas sequências coreográficas adaptando-as adequadamente de acordo com o que planejei, e mesmo que aconteçam imprevistos, o famoso acaso, ainda sim, claro que com o passar do tempo e muito treinamento, consigo manter a postura na dança, digamos assim.
- A energia, quando danço é identificada no sentimento, quando danço sou sempre ativo, explosivo, com movimentos mais rápidos e sem muitas pausas como se eu estivesse apostando tudo na sequência escolhida. Quando se trata a área competitiva, área que eu mais tenho contato, dificilmente entro com os ânimos acalmados, isso, as vezes, pode se tornar prejudicial para mim dentro da competição. É por isso que quando estou em campeonatos de grupos, sempre me coloco para entrar quando o *DJ* toca uma música mais acelerada, com batidas e mixagens mais fortes e marcantes, pois, sei que meus movimentos se adequarão com mais êxito.
- A sistematização, quando danço é identificada no preparo mental-organizacional antes de executar uma sequência. Essa característica é muito presente em treinos e ensaios, pois, elaboro a sequência passo a

passo mentalmente e faço o exercício de usa-la em vários momentos e de várias formas. Darei um exemplo. Certa vez, criei uma sequencia que uso até hoje, chamada “sequência da arma”, cujo todos os meus amigos/companheiros de dança conhecem. A sequencia acontece da seguinte forma: Entro na roda de dança, vou em direção ao meu adversário, pego duas armas que estão uma de cada lado da cintura do mesmo, me distancio e escolho uma das armas para ficar na mão e a outra guardo na minha cintura ou jogo fora, então dou um rápido rolamento para frente sem as mãos e faço footworks a maior parte deles com as mãos como se estivessem segurando a arma para cima, até o momento em que me impulsiono com as costas no chão, dando um giro no ar em horizontal e caindo novamente com as costas no chão com a arma apontada para o adversário e logo em seguida o disparo. Esta sequencia, apesar de ser coreografada, é planejada a sua forma de execução de acordo com a quantidade de adversários, no caso, se forem dois, não guardo a segunda arma na cintura, continuo a sequencia com elas em mãos. Se forem 3 ou mais adversários, utilizo uma entrada diferente. Entro deslizando com as pernas no chão, insinuo abrir um baú de onde tiro as duas armas e uma terceira metralhadora que dou a entender que coloco pendurada nas costas. A sequência continua da mesma forma, o que acaba mudando é o final que uso as duas armas dando um tiro de cada uma em dois adversários e depois uso a metralhadora para disparar nos outros que restaram. Essa é uma sistematização que uso como estratégia de disputas em campeonatos.

Fui mais específico ao me usar como exemplo, porem, como disse a cima, trouxe depoimentos de pessoas com mais experiências e tempo de atuação no *break dance*. Começando pelo *B. Boy Leony*:

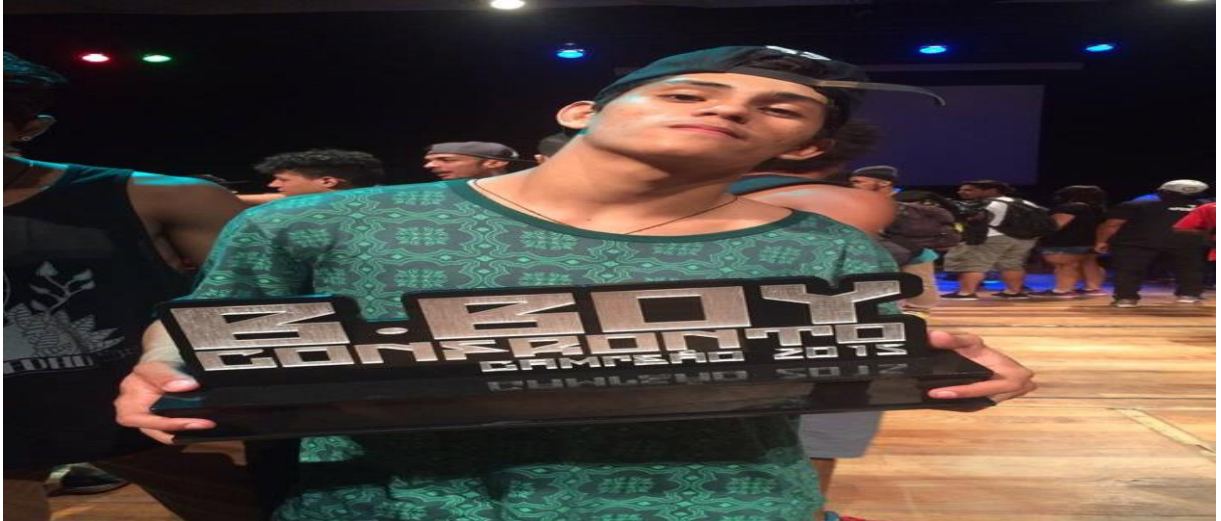


Figura 18 - *B. Boy* Leony. Fonte: Leony Pinheiro

- Na minha dança, muitas coisas influenciam o meu jeito de dançar, o meu ser *B. Boy*. Desde a minha personalidade até o caminho indo pra casa ou a hora que eu durmo. Tudo isso influencia porque o *break*, se ele é um estilo de vida, ele segue a tua vida, o ritmo que ela tem. Então, eu sou um cara alegre, eu não sou um cara muito organizado, que deixa tudo certinho e isso transparece na minha dança. Na minha dança eu sou um cara que solto muito sorriso, brinco bastante, as minhas *sessions*, no caso os meus movimentos, não são tão organizadinhos ou limpos. Sou um cara que sempre gosta do diferente, que olho muitas coisas pra escolher somente uma. Então isso transparece na minha dança por isso e sou um *B. Boy* conhecido pelos movimentos diferentes.

Depoimento do *B. Boy* Kekeu:



Figura 19 - *B. Boy* Kekeu. Fonte: Kleodon Gonçalves

- Bom, a influência do dia a dia que você tem, é a influência de tudo. Muita gente acha que para se tornar um grande *B. Boy*, pra ter uma grande dança, todo mundo acha que você tem que treinar, que você tem que somente ter disciplina e isso é uma coisa que você tem no seu dia a dia, no seu trabalho, no geral. Na dança o que influencia mais é o caráter. No meu dia a dia eu busco ter mais caráter, respeito, confiança no que eu faço. Acho que isso é uma coisa boa, trazer para o treino o sentimento de ter dado um abraço no meu pai, na minha mãe, nas pessoas que eu amo. Isso é a influência que você traz para dentro da dança. A dança é caráter, é respeito, é você ajudar uma senhora idosa a atravessar a rua, é quando você pega um ônibus, a dificuldade que você tem, o dinheiro que você não tem. Tudo isso é uma influência, de chegar no seu treino e ver nisso uma determinação que você pode utilizar dentro da sua própria dança. A dança é o teu dia a dia. Você não é alguém no dia a dia e na dança, não. Quando você não tá bem pessoalmente, você não vai tá bem no treino, você não vai bem diretamente com nada.

É possível notar um sentimento mais íntimo e poético nesses depoimentos, uma vez que são fatos que acontecem frequentemente com estas pessoas. Durante

as conversas, sentimos uma grande verdade e sinceridade envolvidas nas palavras ditas, pois, se acredita realmente que, pelo menos no *break dance*, as coisas funcionam assim.

É como se tudo que você jogasse para o universo, retornasse para você. Chega a ser uma questão de estado espírito, no qual se você está bem, você provavelmente terá um ótimo rendimento durante seus treinos ou competições, caso contrário, você não conseguirá focar-se no que precisa.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Gostaria de deixar bem transparente a ideia de que não é uma tarefa fácil escrever em escala acadêmica sobre o *break dance*. A *hip hop*, ainda está se inserindo nesta área teórica e aos poucos deixando de ser conhecimento oral, pois, somente é repassada por meio de conversas e que muitas das vezes começam a ganhar outras versões.

Como foi dito, este trabalho não é uma verdade para todos, mas é algo que me chamou atenção e que de fato acredito como pesquisador e atuante nesta área. Sei que para algumas pessoas este trabalho indicará caminhos e isso já me dá a sensação de dever cumprido e de contribuição para o fortalecimento da cultura onde estou inserido.

Sei que este assunto que foi desenvolvido neste trabalho ainda tem muito que ser explanado e em meus planos futuros próximos, estarei dando continuidade. E por este motivo, também, encorajo a todos, principalmente aos amantes e atuantes da cultura *hip hop* em especial a vertente *break dance*, a pesquisarem mais a respeito e produzirem trabalhos científicos para fortalecer a nossa cultura. Uma vez

que a academia em Belém do Pará e arrisco dizer até em escala nacional é um contato quase que novo e existe a escassez de materiais acadêmicos sobre a cultura *hip hop* em si.

Precisamos falar de nós, precisamos que o mundo enxergue nossa cultura a partir das nossas perspectivas, e não que venham de fora para analisar e escreverem da forma que quiserem a respeito. Claro, opiniões diversas ajudam a construir um pensamento crítico, porém, quem tem mais propriedade para falar sobre a cultura *hip hop*? Nós, que estamos ativamente participando.

Precisamos apresentar nossas verdades, tudo que construímos e que estamos construindo. Mas precisamos agir de forma instruída e competente, Pois, tudo que será registrado, será consecutivamente repassado para outras gerações. Devemos produzir informações de qualidade. E que nossos trabalhos sejam a história, a base, a sustentação para os próximos pesquisadores da nossa área.

De fato, espero que este trabalho preencha alguns vazios e que esclareça algumas dúvidas, mas principalmente, que nasçam novas indagações estimulando assim a pesquisa nesta área. E para aqueles que não ficaram satisfeito com o mesmo, seja por discordarem ou por acharem que havia mais coisas a serem ditas aqui, espero que deem continuidade assim como darei em outras oportunidades.

## REFERÊNCIAS

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

GUARATO, Rafael. **Dança de rua**. Corpos para além do movimento. (Uberlândia - 1970 - 2007). Uberlândia: EDUFU, 2008.

TOCHA, Daniel. **A História da cultura Hip Hop**. 2006. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/historia-da-cultura-hip-hop>. Acesso: 20 dez. 2015.

MARCEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica emultirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=OOfMBgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA17&dq=roberto+sidnei+macedo+etnopesquisa&ots=xVfc6inuOj&sig=mUNbERiLVMivvhp474Q3v-GVtwk#v=onepage&q=roberto%20sidnei%20macedo%20etnopesquisa&f=false>. Acesso em: 13 jan. 2016.

FERRACINI, Renato. **Café com queijo- corpos em criação**. Campinas. UNICAMP: 2006.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. **A ARTE RUPESTRE COMO SIGNO: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA DO FENÔMENO INFOCOMUNICACIONAL**. 2009. Rio Grande do Sul. UFRGS.

ROSÁRIO, Renan. **POWER MOVE: Um caminho dançante para o movimento**. Belém, UFPA. ETDUFPA. 2012.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico, 21ª edição.**  
Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

NESSE, Alien. **A arte da batalha.** 2009. Disponível em:  
<http://bboyindio.blog.com/materiais-de-estudo/>. Acesso em: 25 nov. 2015.